

## Curso de Férias para Aperfeiçoamento dos Professôres de Geografia

Como parte do curso de férias para aperfeiçoamento do magistério secundário, realizou-se, em julho do corrente ano, mais um curso para os professôres secundários de Geografia.

Além das matérias de que constou o respectivo programa, cujas aulas foram ministradas pelos melhores especialistas, foram proferidas três conferências durante o curso, versando sôbre os temas: "O problema raça-povo na Europa" — Prof. DEMANGEOT; "Situação atual do Plano Rodoviário Nacional" — Eng.<sup>o</sup> MOACIR M. F. SILVA; "Considera-

ções sôbre os primeiros resultados das observações especiais que vêm sendo realizadas para o "Ano Geofísico Internacional" — Prof. JOSÉ CARLOS J. SCHMIDT.

Foram feitas também visitas de caráter didático a instituições científicas oficiais; promoveram-se ainda excursões, uma das quais a Angra dos Reis, sob a orientação do Prof. ANTÔNIO JOSÉ DE MATOS MUSSO.

O total de inscrições no curso elevou-se a 45 professôres, sendo 27 desta capital, e os demais dos estados.

## Faculdade Nacional de Filosofia

*Posse do novo catedrático de Geografia do Brasil — Íntegra do discurso do Prof.*

*HILGARD O'REILLY STERNBERG, ao se empossar naquela cátedra*

Tomou posse como catedrático de Geografia do Brasil da Faculdade Nacional de Filosofia o Prof. HILGARD O'REILLY STERNBERG, nomeado em caráter efetivo para aquela cátedra por força de concurso a que se submeteu recentemente.

O novo catedrático é geógrafo bastante conhecido no país, com projeção nos meios científicos internacionais. Teve atuação de relêvo na organização do XVIII Congresso Internacional de Geografia, realizado nesta capital em 1956. Exerceu o cargo de membro do Diretório Central do CNG; tem colaborado assiduamente em nossos periódicos. O discurso, que pronunciou na ocasião de sua posse, constitui valiosa contribuição sôbre o poder formativo da Geografia, daí porque entendemos do maior interesse a sua publicação nas páginas dêste periódico: "Aqui vistes participar do rito que coroa o provimento de uma cátedra universitária. "E, como disse o poeta, tôda a gente é contente, porque é dia de o ficar".

Mas, em meio às manifestações de simpatia e afeto, que tanto desvanecem e confortam, é possível que se indague da significação que tem ou pode ter a cadeira de Geografia do Brasil no ensino universitário e no âmbito das pesquisas de vária natureza que se realizam no país.

Desde os trabalhos pioneiros de meu ilustre predecessor, professor DELGADO DE CARVALHO, que datam do primeiro quartel do século, vai sendo, felizmente superado entre nós o conceito de Geografia como lista interminável de nomes, que nenhuma conexão apresentam, além de sua coexistência e eventual justaposição no espaço. Assistimos ao crescente reconhecimento da Geografia, tal como a querem os geógrafos.

Ressalvando o caráter arbitrário e convencional de qualquer distinção entre ciência pura e aplicada, a Geografia do Brasil, no plano do ensino superior, pode aqui encarar-se por dois ângulos diferentes mas complementares. Primeiro: o de seu papel na educação, considerada esta como um fim em si mesma; e segundo: o de seu papel na valorização da terra e do homem.

Quanto à primeira atribuição, permito-me sublinhar, à guisa de exemplo, uma das funções mais características da Geografia. Para tanto, cumpre recordar que o mundo inorgânico, orgânico e humano é um todo coeso. A inteligência humana, não estando em condições de abarcar a imensa realidade, procede analiticamente: circunscreve determinadas áreas, examina-as parceladamente, exclui todos os elementos considerados não relevantes. Esse método, graças a sua eficiência, notadamente no estudo das ciências naturais, vem dominando, há mais de três séculos, o modo de pensar da humanidade.

Se, por um lado se lhe podem atribuir prodigiosos avanços científicos, por outro, há de se lhe levar à conta a renúncia aos horizontes mais amplos, a favor das veredas cada vez mais estreitas das especializações, onde se corre o risco de perder de vista as conexões orgânicas da realidade concreta. Com efeito, o emprêgo exclusivo do método analítico produz uma educação fragmentária e desprovida de rumo. O homem desmontou seu mundo físico e social com zêlo exemplar, porém, confrontado com a tarefa de reintegrá-lo, parece inclinar-se pela idéia de que isso não é possível ou não vale a pena.

Não pretendem os geógrafos que a sua disciplina contenha em si a solução para todos os males da educação contemporânea. Nem que seja capaz de debelar a crise intelectual de nossos dias. Julgamos, isto sim, que o método geográfico representa um elemento de equilíbrio, contrapesando os métodos analíticos. A posição lógica da Geografia, em relação aos demais setores do conhecimento, foi situada em termos muito semelhantes por KANT, HUMBOLDT e HETTNER, segundo os quais, para bem aprender a realidade, cumpre examiná-la a partir de três pontos de vista diferentes: o das relações entre fenômenos similares, o da reunião dos fenômenos nos diferentes segmentos de tempo e, por último, o da associação na superfície da terra, tarefa da Geografia.

Esta, que tem por objeto precípua a compreensão da diferenciação espacial, é um campo de investigações unificado, onde se combinam, de maneira fecunda, os trabalhos sistemáticos e corológicos. Se, para muitos, a Geografia regional é como o coroamento, a parte mais característica e, talvez, a parte mais difícil de nossa disciplina, certo é que as preocupações da sistemática e da aplicação regional se completam e têm, como denominador comum, uma apreciação do todo e do funcionamento das partes. É a restituição, a recomposição dessas partes dissociadas que importa salientar aqui.

Surpreende, com efeito, o não ter sido plenamente explorado na educação contemporânea o conteúdo formativo da Geografia, restringindo-se muitos professores à apresentação, não raro deficiente e antipedagógica, de seu conteúdo informativo. Parece-me que o fato deriva, em parte, de se situar erradamente a Geografia, ora no campo das ciências naturais, ora no das ciências sociais.

Neste último, foi colocada, por exemplo, pelos promotores de um simpósio organizado em 1957 para examinar o ensino das ciências sociais na escola. Analisando a recomendação então adotada, de que em determinados níveis, "sejam realizados integradamente os estudos sociais, como Geografia, História e demais ciências sociais", esclareceu muito bem FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, que os estudos geográficos já realizam uma integração de fatos naturais e sociais, tais como se apresentam nas áreas ou regiões estudadas, não sendo, pois, compreensível, que se queira vinculá-los, unilateralmente, aos estudos sociais.

Ciência essencialmente de síntese, a Geografia, não somente escapa à classificação tradicional das ciências em naturais e sociais, como não comporta, sem perda de identidade, uma divisão em duas metades isoladas — Geografia Física e Geografia Humana — passíveis de partilha entre aqueles dois campos. Tal é a força de certas abstrações acadêmicas, que me será permitido um esclarecimento: não é a

posição da Geografia que é ilógica; a separação estabelecida entre as coisas naturais e as coisas humanas é que é teórica. "A Geografia, podia dizer com HARTSHORNE, não é um elo entre dois grupos de ciências, antes um campo contínuo, que intersecciona tôdas as ciências sistemáticas que se ocupam do mundo".

Notemos de passagem a tendência para o esbatimento da separação entre ciências naturais e sociais. Os fitoecologistas, por exemplo, não puderam excluir o homem social de suas cogitações e tiveram que abandonar a tentativa de conceber o revestimento vegetal sem a presença do elemento humano. Também os cientistas sociais sentem a necessidade de abandonar o mundo imaginário em que a "natureza" não existe ou se reduz a uma abstrata "terra", uniforme, inerte, estática.

A Geografia atende, pois, a uma necessidade de se ver o mundo e suas partes como um todo, e nisto reside talvez a sua maior influência formativa. Mas o conhecimento que a cátedra recolhe, organiza e divulga, é também chamado a encaminhar a ação, no sentido de um melhor ajustamento da atividade humana ao meio natural. Não imagino que a Geografia forneça soluções imediatas e unívocas para os complexos problemas com que se defronta o Brasil em seu rápido crescimento. Ajudará, entretanto, a formulá-los com clareza.

Encontramo-nos, assim, diante do segundo papel que disse reservado à Geografia do Brasil: contribuir para a valorização da terra e do homem. Visando a uma ação a longo prazo, aqui parecem oferecer-se à cátedra duas esferas de ação principais: a primeira diz respeito à formação de geógrafos profissionais; a segunda, à criação de um clima de receptividade, de permeabilidade diante da contribuição da Geografia.

Em um país como o Brasil, onde tantos problemas se vinculam ao meio geográfico, parecem quase ilimitadas as oportunidades para que nossos licenciados em Geografia tragam precioso subsídio ao desenvolvimento harmonioso da nação — desde que, bem entendi-

do se venha a compreender a natureza e o alcance dessa ciência. Com efeito, o conhecimento adequado da terra e das diferentes formas de sua utilização é pressuposto básico para um eficiente planejamento. E a sistematização desse conhecimento é tarefa precípua dos geógrafos. É, portanto, do preparo eficiente das novas gerações de profissionais da Geografia que vai depender, em grande parte, o aparecimento dessas oportunidades.

Quanto à criação de condições favoráveis ao desenvolvimento da atividade geográfica, esta ação se desenvolve, no plano docente, através do ensino ministrado, por um lado, aos futuros professores de Geografia das escolas secundárias e por outro, aos futuros jornalistas. Julgo ser da maior importância a difusão do método geográfico entre os responsáveis pela coisa pública: a atividade legislativa e executiva, seja ela aplicada às questões de ordem interna ou às das relações exteriores, trata, em grande parte, de problemas que seriam consideravelmente esclarecidos, se a eles se aplicassem o pensamento e a metodologia da ciência geográfica. Parece supérfluo acrescentar que se exigirmos dos governantes compreensão do meio geográfico, o mesmo, numa sociedade democrática, se há de pedir (ou melhor dar) aos governados.

Será oportuno indicar dois ou três exemplos dos temas que se oferecem a uma cátedra de Geografia do Brasil que queira ser, além de *descritiva e explicativa, construtiva*.

Um problema comum a tôda a área do país é o abuso dos recursos naturais. Com efeito, ao transporem os umbrais do novo mundo, desse promissor, dádivo e supostamente inesgotável novo mundo, os colonizadores deixaram lá fora os hábitos mais poupados que lhe ensinara a milenar agricultura dos espaços mesquinhos da Europa. Lavoura vinculada à criação, a integrar um ciclo biológico equilibrado. A abundância de recursos naturais para uma população ainda rala fixou no desbravador ideais de resultados e lucros imediatos e o tornou, a ele e a seus filhos, indiferentes à destruição dos recursos naturais da terra conquistada.

Está na ordem do dia, na bôca de todos, o domínio do espaço sideral. Melhor andariamos talvez se cuidássemos de pôr ordem em nosso prosaico espaço terrestre. De restaurar a face da terra, lavada por enxurradas, rasgada por voçorocas. Os estudos geográficos das áreas assim atingidas — e quem viaja pelo interior sabe que elas se encontram um pouco por tôda a parte — são a base indispensável para que se planeje uma forma estável de utilização do solo.

Mas uma tal estabilização não depende só da base física, nem resultará apenas da adoção de técnicas agrônômicas convenientes. Exige outras medidas, entre as quais merece absoluto destaque, a reforma fundiária. Só ela permitirá, a um tempo, o efetivo aumento de produtividade, o fortalecimento e o crescimento de uma classe média rural, a difusão da propriedade, a expansão do mercado interno — condição indispensável para um desenvolvimento industrial harmonioso e sólido, para a tão desejada emancipação econômica do país. Ora, não adianta fazer reforma agrária sôbre o papel. Seu êxito ou seu malôgro será determinado na terra. Levando em conta as diversidades das condições geográficas e sociais, a obra de transformação fundiária e agrária terá de ser realizada através de numerosas entidades de âmbito regional. Vale lembrar: a reforma que, com tanto êxito, se realiza na Itália, segundo as diretrizes do pensamento social cristão, é aplicada através de uma dezena de entidades, asseguradoras da necessária descentralização e flexibilidade. Se isto ocorre em país cuja área corresponde aproximadamente à do estado do Rio Grande do Sul, torna-se evidente que uma lei agrária no Brasil, terá que levar em conta, em sua aplicação, as grandes diversidades regionais de nosso território. É óbvio, portanto, o ensejo oferecido aos que se dedicam à Geografia do Brasil, de contribuir com sua parcela para que se implantem no nosso imenso sertão condições plenamente compatíveis com a humana dignidade.

Ao lado de questões de âmbito nacional, como as dos dois exemplos cita-

dos, disputam a atenção do geógrafo as áreas-problema do país. Basta um exemplo. A região semi-árida do Nordeste, assolada por sêcas recorrentes, é um tema apenas aflorado. Os problemas que lhe dizem respeito são de natureza a mais variada e afetados por considerações de ordem econômica, social e até política. Mas o desenvolvimento da região e sua preparação para enfrentar as crises climáticas são condicionadas sobretudo por certas possibilidades ou impossibilidades físicas: A contribuição da Geografia, com a sua visão global dos problemas regionais, muito poderia concorrer para melhorar a sorte das populações periodicamente flageladas.

Pouco será preciso acrescentar ao que já ficou dito para que fique devidamente ressaltado o lugar da atividade investigadora nesta cátedra. Todo o Brasil é seu imenso laboratório.

Embora outras ciências possam contribuir com preciosas informações para a elaboração de estudos geográficos relativos ao Brasil, não se pode prescindir da pesquisa original do próprio geógrafo. Ainda mesmo que uma região já houvesse sido estudada por tôdas as ciências "periféricas" da Geografia, os objetivos específicos desta exigiriam o contato direto. Não somente se examinarão, de maneira mais minuciosa, certos pormenores de interesse geográfico, como também se procurará, *in loco*, correlacionar os fenômenos até então tomados isoladamente. Raramente, no entanto, se encontra em nosso país uma região que tenha sido amplamente estudada pelas demais ciências. Caberá eventualmente ao geógrafo assumir a responsabilidade integral dos estudos necessários.

Uma grande parte das investigações dos geógrafos é fundamental para a formulação precisa de planos de desenvolvimento. Não me parece necessário insistir no esclarecimento de que se os geógrafos dirigem seus esforços para os problemas da terra e do homem, a solução dêste, o planejamento integral, só se atinge pela ação conjunta de profissionais dos mais diversos setores. A Geografia, não somente pode fornecer os fundamentos necessários para a

realização de um tal esforço interdisciplinar, mas também tem acumulado uma valiosa experiência na função *sui-generis* de fazer convergir em um corpo coerente de conhecimentos os fatos fornecidos por especialistas das ciências sociais e naturais.

Referi-me, por diversas vezes, ao planejamento. Como a ciência é apenas um meio, que deve ser subordinado a fins determinados por princípios morais e éticos, a direção que se lhe imprime depende dos valores do sistema cultural e político em que se realiza. Em um mundo dominado por fenômenos divergentes, regido pelo princípio da indeterminação, um planejamento

rígido, que reduzisse o homem às dimensões de cifras estatísticas, estaria fadado ao malôgro — como aliás o demonstram as experiências totalitárias. Não esposamos o ponto de vista estreito que considera as terras e as paisagens do globo apenas como palco de processos econômicos. Nossa morada terrestre, com suas complexidades e harmonias é também uma obra de beleza. Se nos debruçarmos sobre os objetos da Geografia — a terra e o homem — com verdadeiro espírito de amor, apreciaremos plenamente as dádivas daquela e respeitaremos a dignidade dêste, com sua individualidade, seus direitos, sua liberdade.”

## Basílio de Magalhães

Com a morte de **BASÍLIO DE MAGALHÃES**, ocorrida em dezembro de 1957, na cidade mineira de Lambari, perdeu a cultura brasileira um dos seus valores exponenciais.

Dotado de inteligência privilegiada e acentuado amor a tudo quanto diz respeito ao nosso país, principalmente seu povo e sua cultura, **BASÍLIO DE MAGALHÃES** destacou-se como historiador e folclorista.

### *Basílio, jornalista e professor*

Depois de realizar os seus primeiros estudos na cidade mineira de São João d'El Rei, onde nasceu a 17 de junho de 1874, **BASÍLIO DE MAGALHÃES** dedicou-se ao jornalismo, passando a emprestar o brilho de sua cultura e de sua inteligência aos principais órgãos da imprensa de Minas Gerais e de São Paulo.

O ilustre homem de letras sentiu-se também atraído pelo magistério: iniciando sua carreira de professor no Ginásio de Campinas, lecionou, posteriormente, na Escola Nacional de Belas Artes, no Colégio Amaro Cavalcânti, no Colégio Pedro II, no Instituto de Educação, de que foi diretor, e, mais tarde, na Universidade do Distrito Federal.

Durante sua longa vida de homem de trabalho e de estudos, **BASÍLIO DE**

**MAGALHÃES**, não ficou alheio às atividades políticas, e por força do seu prestígio pessoal e pela elevada cultura, de que era dotado, foi indicado para representar o seu estado natal na Câmara dos Deputados.

### *Basílio, pesquisador*

Membro de duas Academias de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de várias instituições culturais, nacionais e estrangeiras, **BASÍLIO DE MAGALHÃES** sempre foi um homem dado às pesquisas históricas, científicas e literárias. Como delegado do governo de São Paulo, realizou investigações documentais nos arquivos da União, de que resultou a publicação de oito volumes sobre a herística das bandeiras.

Dentre as obras que **BASÍLIO DE MAGALHÃES** deixou publicadas, pode-se citar a *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*, *Lições de História do Brasil*, *O Folclore no Brasil*, *Lições de Geografia Geral*, *Em defesa do índio e de sua propriedade* e *História do Comércio, Indústria e Agricultura*.

O extinto fazia parte do corpo de consultores-técnicos nacionais (seção XXI — Localidades), do Conselho Nacional de Geografia.